



PSICANÁLISE

Arthur Hyatt-Williams

Ataques à vida

Um estudo psicanalítico do homicídio e de outros crimes

Blucher

ATAQUES À VIDA

*Um estudo psicanalítico do
homicídio e de outros crimes*

Arthur Hyatt-Williams

Tradução

Maria Cecília Sonzogno

Revisão técnica

Marisa Pelella Mélega

Título original: *Nevrosi e delinquenza : uno studio psicoanalitico dell'omicidio e di altri crimini*

Ataques à vida: um estudo psicanalítico do homicídio e de outros crimes

© 1983 Arthur Hyatt-Williams

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

Edição brasileira aos cuidados de Marisa P. Mélega

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Bárbara Waida

Tradução Maria Cecília Sonzogno

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Taís do Lago

Revisão de texto Bonie Santos

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Fachada da penitenciária Wormwood Scrubs, em Londres;

foto extraída de Wikimedia Commons

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hyatt-Williams, Arthur

Ataques à vida : um estudo psicanalítico do homicídio e de outros crimes / Arthur Hyatt-Williams ; tradução de Maria Cecília Sonzogno. - São Paulo : Blucher, 2022.

228 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5506-513-8 (impresso)
ISBN 978-65-5506-514-5 (eletrônico)

1. . Psicanálise 2. Crime – Aspectos psicológicos 3. Delinquência 4. Violência – Aspectos psicológicos
I. Título II. Sonzogno, Maria Cecília

22-1758

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise – Violência – Crime

Conteúdo

Prefácio	7
Apresentação	11
1. Neurose e criminalidade	15
2. A natureza da agressividade	23
3. Crueldade	35
4. Abordagem psicanalítica ao tratamento dos homicidas	51
5. O adolescente e a violência	71
6. O adolescente e o crime	89
7. Riscos no trabalho com adolescentes perturbados	105
8. As origens do crime	123
9. Quando a ideia de morte não pode ser contida	143
10. Violência no casamento	167
11. O microambiente	181
12. A balada do Velho Marinheiro	203
Referências	225

1. Neurose e criminalidade

Os neuróticos, em geral, sofrem e não conseguem concluir grande parte de seus projetos em decorrência, sobretudo, da ansiedade e das inibições que os afligem. Os criminosos, entretanto, agem e frequentemente executam crimes, isto é, ações que por definição prejudicam os outros tanto por causa do sofrimento e dos danos que causam, como, às vezes, por representarem uma ameaça à vida ou até mesmo a interromperem.

O exame das fases do desenvolvimento emocional pelas quais passam todos os seres humanos nos permite individualizar os desvios da maturação psíquica tanto nos que se tornarão criminosos como nos que se tornarão neuróticos. O termo “normal” é ambíguo, uma vez que ninguém dá a mesma definição de normalidade. Devemos procurar distinguir entre os desvios transitórios do usual curso do desenvolvimento e os desvios que, ao contrário, gradualmente se consolidam e, com o tempo, vão fazendo parte da estrutura do caráter, influenciando de várias maneiras a vida da pessoa.

Há aproximadamente 120 anos, Freud afirmou que a neurose é o negativo da perversão;¹ ele quis dizer que, enquanto aqueles que têm uma perversão sexual não podem se abster de agir seus impulsos patológicos, aqueles que são neuróticos não agem, mas desenvolvem inibições que afetam áreas mais ou menos extensas do comportamento, a fim de alcançar o que o não neurótico obtém sem muita dificuldade. Freud também enfatizou que impulsos instintivos que nos neuróticos são inibidos ou transformados em sintomas geralmente não são impulsos normais, mas perversos. Ele, portanto, lançou luz sobre a relação entre neurose e perversão.

O desenvolvimento de todos os seres humanos dá-se em fases bem definidas. A primeira, no início da vida, é a fase oral de sucção, atividade da qual dependem a sobrevivência, a satisfação das necessidades e o crescimento. A esta se segue a fase oral sádica, o morder, que surge com o despontar dos dentes; morder e sugar continuam e constituirão um elemento característico da vida. Imediatamente após o desmame, o controle dos esfíncteres se torna cada vez mais importante, pelo menos em nossa cultura. A aquisição do controle do esfíncter anal em geral é acompanhada do conflito entre o desejo de satisfazer ao pedido dos pais e aquele de se opor a eles. Essa é a fase anal ou sádico-anal, caracterizada pelo expelir e pelo reter das fezes; jogar fora ou ter para si, com o tempo, farão parte do comportamento da criança, principalmente com sua mãe e, em seguida, com aqueles que mantêm relações com a criança ou que têm sobre esta alguma autoridade. Posteriormente, tal traço de caráter se torna, de modo mais ou menos explícito, um fator da máxima importância em atitudes relativas a subordinados e pessoas mais jovens, incluindo os filhos.

1 Ver *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *A moral sexual "cultural" e o nervosismo moderno* (1908) [N.T.].

Vem depois a fase fálica ou uretral, marcada por tentativas de alcançar o controle da função urinária; a criança nessa fase se sente orgulhosa de seu pênis e teme que ele possa ser danificado. Segue, então, quase imperceptivelmente, a fase edípica ou genital infantil, com os bem notados sentimentos de antagonismo e, às vezes, de forte hostilidade em relação aos genitores do mesmo sexo e de afeição e apreço pelos genitores do sexo oposto. Em grande número de pessoas é presente, menos intensa ou, por assim dizer, em escala menor, a mesma situação, mas ao contrário, o que significa rivalidade com o genitor de sexo oposto e afeto e valorização pelo genitor do mesmo sexo. Claramente esse estado de coisas representa um dos fatores que facilitam o desenvolvimento de tendências homossexuais.

Quando o menino ou a menina tem 5 ou 6 anos, a sexualidade vai ao encontro de um período de quietude: os estímulos instintivos do tipo sexual passam para um segundo plano em relação às atividades com seus pares, aos empenhos escolares que assumem sempre maior importância e à conquista de certa destreza em vários campos, como os jogos e os esportes. É o período de latência, que pode prosseguir sem distúrbios até o fim ou ser repetidamente interrompido por estímulos sexuais que se originam da própria criança ou de experiências excitantes que lhe são impostas.

Quando, no início da puberdade, a criança se torna adolescente, as várias fases do desenvolvimento emocional infantil se repetem, com a diferença de que dessa vez as pulsões dos instintos vêm acrescidas mais fortemente das secreções hormonais, e há também a possibilidade concreta de que o ato sexual leve à procriação. Há, portanto, o risco de que o adolescente tenha que enfrentar responsabilidades que são geralmente próprias dos adultos, enquanto a turbulência do período da adolescência permanece aguda e a contenção e o equilíbrio dos anos maduros estão ausentes.

Em cada fase do desenvolvimento podem surgir dificuldades que, se não forem elaboradas suficientemente ou se não forem de fato solucionadas, são inconscientemente colocadas à parte na psique: são as fixações ou pontos de fixação. É a eles que a pessoa retorna quando aquilo que deve enfrentar parece ser intolerável. Também pode acontecer que as dificuldades não resolvidas escapem de seu estado de limbo intrapsíquico para se tornarem ativas justamente quando as energias estiverem comprometidas em encontrar uma solução para outros problemas.

A ansiedade é vivida pelo bebê como um perigo para sua própria sobrevivência ou, de uma forma menos dramática, como uma perseguição. Quando, nos primeiros períodos de vida, o bebê está em grau de perceber somente aquelas partes da mãe (ou de seu substituto) com as quais está se relacionando, ele divide as experiências em boas e más; em geral são boas as experiências gratificantes e más aquelas que frustram e deixam uma sensação de privação. Quando, por volta do sexto mês, o bebê está em condições de começar a reconhecer a mãe como pessoa inteira, os olhos, as mãos, o peito etc. que até aquele momento tinham sido percebidos como objetos parciais tornam-se parte da mãe; a subdivisão das experiências em boas e más, dependendo de como foram vividos os objetos parciais, torna-se, portanto, cada vez menos clara e definida, com o resultado de que no bebê comparece a ansiedade pelo medo de que o ódio e a destrutividade que ele sentiu e ainda sente em relação ao objeto parcial frustrador sejam mais fortes do que o amor e o apeço pelo objeto bom. Quanto mais os sentimentos se opõem, mais difícil será que eles possam coexistir na mãe recém-reconhecida como um objeto inteiro (total). É muito difícil integrar o amor e o ódio e emergir do conflito mais fortalecido que enfraquecido.

Em outros termos, nessa fase de desenvolvimento a ausência da mãe é vivida como sua perda; existe o terror de que esta seja uma

perda definitiva e de que tenham sido o ódio e a hostilidade do bebê que causaram isso. M. Klein indicou a ansiedade gerada por tal estado de coisas com o nome de ansiedade depressiva, que se origina da afeição e da preocupação por outra pessoa e do pesar pelo dano causado a ela. Naturalmente o dano geralmente é infligido à imagem interna ou à representação mental da mãe e suas várias partes, mas mesmo nos primeiros estágios de desenvolvimento as fantasias conscientes e inconscientes às vezes se traduzem em ações, por exemplo, demandas insistentes e excessivas são feitas que vão além das necessidades reais da criança, e as habilidades da mãe são testadas com muita força.

A ansiedade persecutória é mais primitiva e está ligada à sensação de ser tratado injustamente, com rancor; é a ansiedade que deriva da falta de gratificação desejada e da presença de sentimentos persecutórios. Aqueles que experimentam sobretudo a ansiedade depressiva não têm muita probabilidade de se tornarem delinquentes, entretanto, aqueles que experimentam sobretudo a ansiedade persecutória têm muito mais probabilidade de se tornarem delinquentes, já que evitam assumir suas responsabilidades, acusam os outros de extrema violência e, depois de identificá-los como perseguidores, consideram justificável atacá-los.

Algumas formas de delinquência, como algumas formas de neurose, originam-se das fixações, que são formadas durante as várias fases do desenvolvimento emocional. A classificação das fases em oral, anal, fálica e edípica, elaborada por Freud e Abraham, fundamenta-se sobre os tipos de erotismo presentes nas várias fases do desenvolvimento da libido. O conceito kleiniano de ansiedade persecutória e de ansiedade depressiva não se contrapõe à classificação de Freud e de Abraham; antes, integram-se um ao outro.

A fixação a uma fase do desenvolvimento na qual os impulsos orais primitivos estão associados a uma ansiedade persecutória por

demais intensa, em geral, conduz cedo ou tarde na vida à instalação dos estados psicóticos. Entretanto, se os sérios distúrbios intrapsíquicos vão de encontro a uma maciça externalização, são realizados crimes de extraordinária violência e destrutividade. Na maioria das vezes, o psicótico se comporta de maneira psicótica, e o delinquente, de maneira delinquente; às vezes, porém, há uma alternância, e o crime tem a função de proteger aqueles que o realizam de uma crise psicótica e de um estado de desintegração, enquanto a contenção de impulsos destrutivos protege a sociedade dos danos do crime. Não é muito claro quais fatores determinam a passagem de um tipo de comportamento ao outro. Parece, todavia, que a destrutividade representa uma externalização do que Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920), chamou instinto de morte. A externalização da destrutividade tem um fim imediato, a autopreservação, como se pode bem observar naqueles delitos aparentemente sem nenhum motivo, nos quais a vítima é uma pessoa totalmente desconhecida do homicida. O desejo, que muitas vezes é baseado na oralidade, pode derivar de uma privação real ou de necessidades orais particularmente intensas não satisfeitas. Nos crimes em que há uso de violência, encontramos vestígios da agressividade oral não elaborada, às vezes representados pelas mordidas que os criminosos dão nos mamilos ou no pescoço da mulher. O neurótico controla e anula esses impulsos destrutivos, que, no entanto, podem revelar-se por meio de sintomas ou inibições, reprimindo-os ou separando-os do resto da atividade psíquica, como se vê na anorexia nervosa e em outros distúrbios de alimentação. Outras vezes, o problema se apresenta de forma sexualizada: um exemplo disso é o medo do contato com mulheres, que serve para proteger tanto as mulheres como a pessoa que tem medo.

Uma das características da analidade é controlar e ser controlado, com todas as possíveis variações. Sujar e preocupar-se com a limpeza; apertar e segurar com força; ou jogar fora, abandonar e repudiar, às

vezes com desprezo, nojo ou repulsa, são alguns dos traços de caráter que têm sua origem na fase anal. Freud, em 1908, chamou de “triáde anal” os comportamentos de limpeza, ordem e parcimônia; esta pode ser encontrada em pessoas dignas da máxima estima e confiança, mas também em alguns delinquentes. Às vezes, as características da analidade entram em erupção, sem modificações, mesmo durante o ato criminoso, sob a forma de sujar e danificar; essas integram toda uma organização psíquica que faz com que crimes “anais” sejam marcados pela implacabilidade. Trata-se da mesma organização psíquica que torna as pessoas não delinquentes particularmente ativas e tenazes, mas o zelo com o qual, por exemplo, um inspetor de impostos recupera o dinheiro ou a dedicação com que um gerente de banco o controla podem revelar caracteres anais que se manifestam de forma relativamente não delinquente. Entre os criminosos, quem rouba dinheiro são os batedores de carteira, os ladrões, os gângsteres e os golpistas, situando-se entre aqueles que não podem separar-se do dinheiro e os devedores crônicos. A analidade é associada ao sadismo, como demonstra o chantagista, cujos pedidos vêm acompanhados de ameaças.

O caráter fálico é vaidoso, ativo, exibicionista e muitas vezes ousado. O delinquente que apresenta traços fálicos comete seus crimes com aquela audácia que muitas vezes desperta simpatia e excitação no público. Entre os menos “malignos” representantes desse grupo de delinquentes estão os ladrões de automóveis: o roubo de carros tem um caráter fálico. Faz parte dessa estrutura de caráter também a compulsão por destruir ou estragar um sucesso inicial: alguns ladrões de automóveis, por exemplo, destroem o veículo que roubaram, e não porque sejam incapazes de guiar.

Na fase edípica, os distúrbios neuróticos são representados pela histeria, enquanto a criminalidade se manifesta no nível sexual, com

o incesto, no qual as pulsões edípicas agem diretamente, e com outras formas de delinquência, entre as quais a bigamia.

Há situações em que o modo neurótico e criminoso de enfrentar as dificuldades da vida se torna muito semelhante. Um exemplo disso são os criminosos que regularmente se certificam de que estão passíveis de serem desmascarados. A compulsão a agir de maneira delituosa pode estar conectada, em um nível inconsciente, a problemas edípicos que têm a ver com a destrutividade, por exemplo, com o fratricídio, com o parricídio ou com outros crimes muito graves. Ser descoberto e punido por uma pequena transgressão cometida no mundo exterior serve para reduzir o sentimento inconsciente de culpa pelos crimes cruéis cometidos na fantasia, como Freud escreveu em “Criminosos em consequência de um sentimento de culpa” (1916). Os modelos de estrutura intrapsíquica de tipo neurótico e delinquencial se mostram nos relacionamentos interpessoais por comportamentos enormemente diversos. Os pontos de contato são, contudo, numerosos, porque ambos têm a mesma origem e atravessam as mesmas fases de desenvolvimento. Para avaliar uma situação corretamente, é necessário não somente ter presente a importância dos fatores constitucionais e ambientais, mas também pensar a neurose e a delinquência como dois estados entre os quais não existe solução de continuidade: um, de fato, invade insensivelmente o outro. A maior parte de nós, embora firmemente ancorada em algum ponto do eixo que, por assim dizer, conecta neurose e delinquência, tem um certo grau de flexibilidade que determinados eventos intrapsíquicos e interpessoais podem romper.



“O doutor Arthur Hyatt-Williams . . . escolheu como campo de investigação a criminalidade. Neste seu livro, apresenta um aprofundado estudo sobre a criminalidade e a destrutividade do ser humano. Para tal, ocupou-se por mais de trinta anos de detentos na prisão Wormwood Scrubs, em Londres, para compreender a mente dos criminosos, quais fatores facilitam a concretização de atos violentos e do homicídio e quais elementos seriam específicos da mente de um homicida.

Sua longa experiência convenceu-o de que quem mata não é substancialmente diverso de quem não mata. . . .

O livro como um todo é rico em exemplos e teorizações, resultando ser muito didático nesse assunto tão pouco abordado pelo vértice da teoria psicanalítica.”

*Trechos da Apresentação de
Marisa Pelella Mélega, revisora técnica*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-513-8

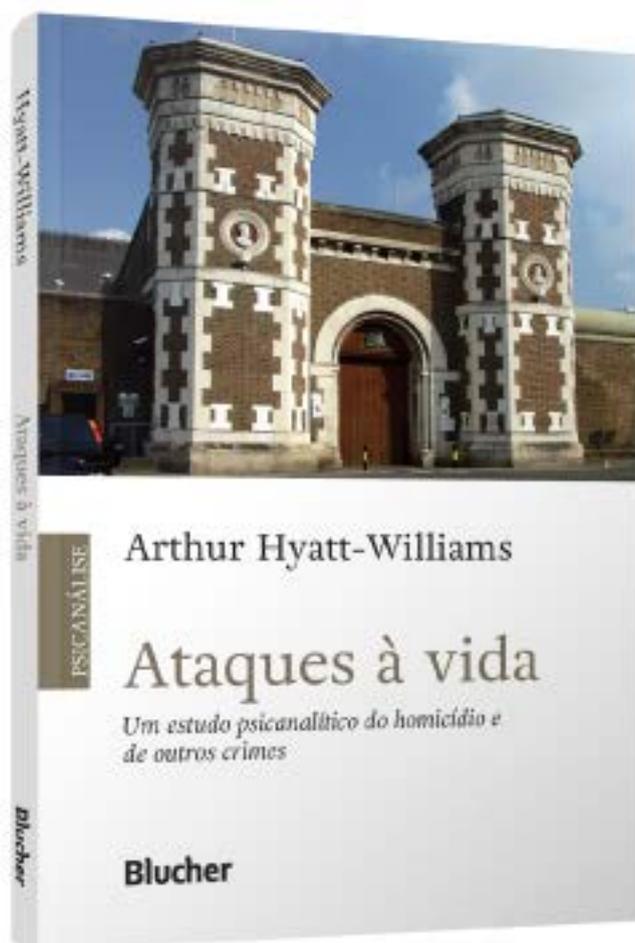


9 786555 065138



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Ataques à Vida

Um estudo psicanalítico do homicídio e de outros crimes

Arthur Hyatt-Williams

ISBN: 9786555065138

Páginas: 228

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022

Peso: 0.335 kg
